

Apresentação

PELA NECESSIDADE DE TODA FORMA DE HUMANISMO

É com enorme satisfação que dividimos com os Leitores este número da *Revista Metamorfoses*, dedicada a homenagear o centenário de nascimento e os trinta anos da morte de Fernando Namora. Acreditamos que o ano de 2019 acaba por proporcionar a mais do que necessária chance de recuperar o nome de um autor e de uma obra que não têm sido lembrados como mereceriam, ainda mais se levarmos em conta que, em tempo de tanta barbárie, a valorização do conceito de humanismo – pregado como bandeira política pelo autor de *O trigo e o joio* –, nunca pareceu tão necessária à bruteza de nossos dias. Este número de *Metamorfoses*, em verdade, pretende comemorar uma autoria capaz de dar vida a um projeto estético que jamais duvidou de que é no encontro solidário dos homens que reside a mais necessária e definitiva revolução.

Obviamente, não poderíamos desperdiçar a oportunidade de repensarmos à luz de nosso milênio, o já pretérito Neorrealismo que, ao lado de seus melhores autores, anda preterido em época de valorização, talvez excessiva, de uma ficção centrada na fragmentação do sujeito, que parece não mais pertencer a nenhum projeto coletivo. Para tanto, quisemos pôr o olhar crítico de nossa contemporaneidade em movimento, deslocando-o na direção da prosa e da poesia neorrealistas, sem esquecermos, é claro, de quanto histórica e esteticamente elas estiveram ligadas à produção do romance brasileiro criado pela chamada Geração de 30 e nomeado (às vezes, redutoramente) de romance regionalista. Igualmente era nossa intenção mostrar que a influência do neorrealismo e dos escritores brasileiros da Geração de 30 foi incontornável, a ponto de marcar a obra de artistas que se firmaram na história da literatura em língua portuguesa como “clássicos” inultrapassáveis, seja porque construíram na contramão do discurso do poder



A revista *Metamorfoses* utiliza uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/) (CC-BY-NC).

a “memória” de uma Gafeira salazarista, como o fez José Cardoso Pires, seja porque abriram, como Guimarães Rosa, as veredas de um sertão que era e é todo o Brasil.

Agradecemos, comovidas, a contribuição dos Colegas que, com seus trabalhos, nos fazem crer que só através das mãos unidas é que a realidade “se faz” e “nos faz” gente melhor, ao mesmo tempo em que propicia, ao menos esteticamente, um mundo mais justo. Ressaltamos que aqui foi aberto espaço para que a crítica se desse de forma livre, proporcionando, inclusive, o embate entre possibilidades de interpretação que comprovam que para cada obra/autor há sempre variada forma de leitura: nenhuma certa, é claro, mas apenas, mais ou menos possível. Desejamos a todos uma boa leitura!

*Monica Figueiredo (UFRJ/CNPq);
Ana Carla Lourenço Ferri (SEEDUC/RJ);
Michele Dull Sampaio Matter(CEFET/RJ)
(Organizadoras)*